

Escândalo na USP aperta cerco ao reitor polêmico

O Ministério Público de São Paulo abriu mega-investigação contra a Reitoria da USP, acusada de eventual “violação aos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, burla ao acesso de cargo mediante concurso público, lesão aos cofres públicos e improbidade administrativa”. O principal investigado é o advogado João Grandino Rodas, atual reitor da USP, e um dos braços-direitos de Geraldo Alckmin e José Serra. A investigação é tocada pelo promotor de Justiça Valter Foleto Santin, da Promotoria do Patrimônio Público e Social do Ministério Público Estadual. O caso, mantido em sigilo, leva o registro de “Inquérito Civil 088/2011”.

João Grandino Rodas, que antes de ser reitor era diretor da Faculdade de Direito do Largo S. Francisco, a mais tradicional do país, é acusado de ter nomeado, como procuradores da USP um seu assessor político e o filho da reitora anterior, Suely Vilela –colocada como reitora a mando de José Serra. A dupla ocupa os cargos sem terem prestado concurso e em desacordo com o estatuto da maior universidade do país.

O inquérito civil instaurado pelo promotor Valter Foleto Santin atende a uma denúncia anônima. O principal foco, segundo o promotor, é “apurar nomeações, feitas pelo reitor Grandino Rodas, dos servidores Gustavo Ferraz de Campos Monaco e Carlos Alberto Vilela Sampaio, como Procuradores da USP, sem concurso público e sem o preenchimento de requisito de cinco anos de efetivo exercício de advocacia, além de eventual nomeação irregular para cargo de confiança do Procurador-Chefe da USP”.

Contra Rodas, o Ministério Público salienta que ainda investiga “criação de cargos de Pró-Reitor Adjunto, sem previsão orçamentária e sem autorização legal, designações indevidas para os cargos criados, acumulações ilegais de funções de Diretor de Unidade e de Vice-Reitor para exercício em cidades distintas e longínquas”.

O Ministério Público alega que as nomeações do assessor político de Rodas e do filho da ex-reitora da USP teriam violado o princípio constitucional da impessoalidade, vez que Gustavo Ferraz de

Campos Monaco seria apadrinhado político de Rodas e Carlos Alberto Vilela Sampaio circule na USP ostensivamente se apresentando como filho da ex-reitora.

O caso só veio a público porque em 10 de agosto passado a Associação dos Docentes da USP, a Adusp, recebeu comunicado do promotor que apura as denúncias, em que pede informações sobre o caso. O caso só chega a público em decorrência da publicidade dada pela Adusp.

Os dois investigados já remeteram à promotoria suas versões para tentar sustar as acusações. Gustavo Ferraz de Campos Monaco alega que é “indubitável” que ele disponha de mais de cinco anos de advocacia, como bacharel de direito em “funções privativas”. Ele anexou em sua defesa seu Currículo Lattes, exigido a todos os funcionários da USP. Confira:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualiza_cv.do?id=K4716680Y8

Monaco também alega em sua defesa que seu cargo na USP se justifica porque “ em toda a administração pública existem alguns cargos de Procurador de livre provimento, para funções de chefia, direção e assessoramento”.

Já Carlos Alberto Vilela Sampaio, filho da reitora que antecedeu João Grandino Rodas, cita em sua defesa a Súmula Vinculante 13, do Supremo Tribunal Federal, alegando que não é “parente consanguíneo nem por afinidade da autoridade nomeante (reitor), e tampouco é de servidor que exerça cargo de direção, chefia ou assessoramento, posto que a professora Suely Vilela (cujo exercício como reitora foi entre 2005e 2009) não exerça nenhum cargo de direção, chefia ou assessoramento desde o final de seu mandato reitoral até a presente data”. Em desacordo à recomendação dada pela USP a seus funcionários, Carlos Alberto Vilela Sampaio não dispõe de currículo na Plataforma Lattes.

FONTE: <http://amambainoticias.com.br/educacao-e-cultura/escandalo-na-usp-aperta-cerco-ao-reitor-polemico#.TnapPEkv7hx.twitter>

HC vai ampliar atendimento preferencial a plano privado

Medida ajudará paciente do SUS, diz HC; Superintendente afirma que dinheiro dos planos de saúde financiará melhorias no serviço gratuito do hospital; Médicos ouvidos pela Folha temem diferença de tratamento entre pacientes do SUS e os que têm convênios

Pacientes em corredor do PS das Clínicas, que vai aumentar em 300% os atendimentos vendidos a empresas privadas

Laura Capriglione - de São Paulo

Símbolo mais vistoso da saúde universal, pública e gratuita no Brasil, o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP vai destinar 12% de seus atendimentos aos planos de saúde. Com isso, o HC quadruplicará os serviços prestados a convênios (hoje, apenas 3% dos atendimentos são vendidos aos planos).

Boa parte dos médicos ouvidos pela **Folha** acredita que a ampliação do atendimento aos portadores de planos de saúde gerará diferenças de tratamento em relação aos pacientes do SUS.

A chamada "dupla porta" de acesso ao hospital acaba privilegiando os pacientes conveniados. Eles podem marcar consultas e realizar procedimentos eletivos com mais agilidade.

O projeto é defendido pelo superintendente do HC, o médico Marcos Fumio Koyama, 37. Mais jovem ocupante do cargo que já pertenceu a baluartes da medicina do país, como Enéas de Carvalho Aguiar e Vicente Amato Neto, Fumio acredita que a ampliação do atendimento aos planos de saúde possibilitará atender mais pacientes SUS "e melhor". O doutor Fumio é um tipo peculiar de médico. A residência, ele fez em administração hospitalar. O mestrado, na Fundação Getúlio Vargas. Calouro ainda na medicina da USP, ficava mais impressionado com o excesso de exames para diagnosticar um paciente, do que com a própria enfermidade.

Formado, foi para a AIG Seguros. Especializou-se em ampliar a lucratividade do banco no negócio da saúde. Voltou para a Faculdade de Medicina da USP em 2007.

"Não acho que podemos nos contentar em ser, na rede pública, um arremedo do que é feito de melhor

na iniciativa privada", diz.

ARITMÉTICA

Fumio diz que o dinheiro dos planos será usado para financiar melhorias no atendimento gratuito do HC, pago pelo SUS.

"Hoje, os planos pagam 3% dos atendimentos totais do HC. Mas o que eles pagam (R\$ 100 milhões/ano) já responde por 10,6% das nossas receitas (R\$ 940 milhões)."

Para o médico, cada "paciente com plano de saúde" gera recursos suficientes para o atendimento de três ou quatro "pacientes do SUS".

Segundo as contas, pagando por 12% dos procedimentos do HC, os planos de saúde injetariam recursos que poderiam alcançar até 40% do orçamento atual do hospital.

O paradigma desse modelo é o Instituto do Coração do HC, em que 18% dos leitos já são destinados a pacientes particulares, gerando 50% da receita (os 50% restantes são do tesouro público).

"Costuma-se dizer que o paciente plano de saúde tirará leitos dos pacientes SUS. É o contrário. O paciente do plano de saúde permitirá ampliar e melhorar o atendimento ao paciente do SUS."

Pesquisa feita neste ano no HC mostra que 11% dos atendimentos pelo SUS (gratuitos) foram prestados a pacientes que têm planos de saúde.

"Veja, 11% de pacientes de planos de saúde estão usando recursos do SUS -quando poderiam ser atendidos pelos planos. O que existe hoje é um Robin Hood ao contrário. Tira-se dos pobres para dar aos ricos. Por que não resolver isso em uma relação contratual normal?", indaga.

A ampliação do atendimento aos planos será gradual. O objetivo, diz Fumio, é concluir o projeto até o fim de seu mandato (quatro anos).

FONTE:

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/911045-hc-vai-ampliar-atendimento-preferencial-a-plano-privado.shtml>

Curso a distância da USP tem 40% de evasão

Cerca de 40% dos matriculados no primeiro curso a distância da USP foram eliminados no semestre inicial de aulas devido à baixa frequência. Os dados são da própria coordenação da carreira.

Por volta de 30% dos alunos da licenciatura semipresencial em ciências quase não tiveram contato com as atividades (menos de 10% de frequência). Outros 10% não chegaram ao mínimo de 70% de presença. Mas, dos que participaram das atividades, 75% passaram sem recuperação.

Iniciado em outubro passado, o curso tem 360 vagas e mescla atividades pela internet com aulas presenciais. É uma das apostas da USP para captar mais alunos.

"Fiquei surpreso com o número de alunos que nem chegou a entender como o curso funciona", afirmou à **Folha** o coordenador da licenciatura, Gil da Costa Marques.

Algumas das hipóteses do coordenador é que os desistentes se assustaram com o volume exigido de estudos, com a quantidade de atividades presenciais (realizadas todos os sábados) ou perceberam que teriam dificuldades com as ferramentas on-line do curso.

"Por outro lado, os que se interessaram tiveram ótimo aproveitamento. Mas, claro, precisamos de ajustes."

No próximo vestibular, cujas inscrições começam amanhã (26), um aluno da capital não poderá ter como segunda opção um curso no interior e vice-versa. A avaliação é que, para fugir da concorrência, paulistanos optaram por polos no interior.

A desistência no curso da USP está acima da média do censo 2009 da Associação Brasileira de Educação a Distância, que ficou em 14% em 129 instituições.

Estudantes elogiaram o conteúdo das aulas. Criticaram, porém, como isso é passado. "É muito rápido. Fica difícil entender, principalmente matérias de exatas", disse Gilmar Montanari, 31.

FONTE:

<http://www.jornalfloripa.com.br/brasil/index1.php?pg=verjornalfloripa&id=13182>

Professor usa laboratório da USP para dar curso pago

Professores da Faculdade de Medicina da USP utilizaram um laboratório da instituição pública para oferecer um curso de extensão pago.

Ao menos três turmas, com 110 alunos no total, se formaram no curso -a maioria médicos de fora de São Paulo, ou seja, estudantes que não são da faculdade.

Segundo o site que ofereceu vagas, o treinamento prático e teórico custou R\$ 1.980. Um atrativo era o certificado assinado pelo professor titular Irineu Velasco, da disciplina de emergências clínicas, ex-diretor da faculdade.

Alunos e funcionários da faculdade tomaram conhecimento do curso **há** algumas semanas e passaram a pressionar a direção da escola.

Ontem, um dia após questionamento da **Folha**, a direção da faculdade afirmou ter suspenso o curso.

Incomodou parte da faculdade o fato de o laboratório de uma instituição pública - modernizado em 2009 com recursos públicos e privados- ser utilizado para a realização de curso pago, ainda que aos finais de semana.

Também houve a suspeita de que a extensão -chamada Treinamento em Habilidades e Procedimentos em Emergências- poderia ser usada como preparação de candidatos para a prova de residência da faculdade. Isso deixaria os estudantes da faculdade em desvantagem na hora de tentar uma vaga na residência.

A direção da faculdade afirmou, em nota, que "ao tomar conhecimento do curso, (...)determinou preventivamente a sua suspensão".

Disse ainda que "solicitou parecer ao

procurador da Coordenadoria do Quadrilátero da Saúde-Direito, bem como a indicação de providências cabíveis". A faculdade não forneceu informações adicionais, como quais fatos levaram à suspensão.

DEFESA

Responsável pelo curso, o professor Irineu Tadeu Velasco disse que tudo "é oficial". Afirmou ainda que o lucro é revertido à faculdade e ao Hospital das Clínicas, via compra de equipamentos, viagens de residentes para congressos, entre outros.

Sobre a suspensão do curso, ele disse ontem que não tinha conhecimento da decisão. "Mas estou tranquilo. Não tem nada escondido. Só acho que a direção se atrapalhou com a pressão de estudantes preocupados com a prova de residência."

O docente negou que o curso tenha ligação com o preparatório para residentes. Segundo ele, houve confusão porque a mesma empresa que fornece a tecnologia para ensino a distância do curso também tem cursinho preparatório. "São coisas totalmente separadas", declarou.

Apesar do anúncio da suspensão, o professor disse ter dúvidas se isso de fato ocorrerá. "Já tem alunos do país todo matriculados. Vai ficar mal para a faculdade."

O site que oferece o curso informa que haverá turma no início de outubro.

FONTE:<http://www1.folha.uol.com.br/saber/979106-professor-usa-laboratorio-da-usp-para-dar-curso-pago.shtml>

USP vai cortar 1,3 mil árvores no câmpus do Butantã

SÃO PAULO - Considerado um dos locais com mais áreas verdes na capital paulista, o câmpus da Universidade de São Paulo (USP) no Butantã, zona oeste, vai perder 1.328 árvores nos próximos meses. Essa pequena mata, equivalente a um Parque Trianon ou da Aclimação, vai dar lugar a um conjunto de museus planejado pela reitoria desde 2001. O corte é um dos maiores aprovados neste ano pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente.

6 mil mudas terão de ser plantadas para compensar

Para se ter ideia do tamanho do desmatamento, toda a obra de duplicação da Marginal do Tietê em 2009 derrubou cerca de 800 árvores, pouco mais da metade do que será cortado na USP. A universidade será obrigada a manter no local apenas 217 árvores, além de plantar outras 6 mil mudas no local. "O problema é que serão cortadas árvores adultas, robustas, que trazem um grande benefício para o clima daquela região. Já essas mudas só trarão efeito similar daqui a 20 ou 30 anos", disse o ambientalista Carlos Bocuhy.

A área fica do lado da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, próximo da Avenida Corifeu de Azevedo Marques. Para Bocuhy, o local é inadequado para uma obra desse porte. "Existem várias outras áreas na USP com bem menos árvores, que trariam um impacto muito menor. É impossível que esse local, onde será necessário cortar mais de 1.300 árvores, seja a melhor alternativa nesse caso", afirma o ambientalista.

As árvores são consideradas essenciais por especialistas pois ajudam a umidificar o ar em zonas localizadas dentro da cidade, o que contribui para a dispersão dos poluentes e alivia os efeitos causados pelo tempo seco. Outra contribuição das matas urbanas é a refrigeração da atmosfera nas

redondezas e o aumento da circulação do ar. **Projeto.** O plano da USP é erguer no local o chamado "Parque dos Museus", um conjunto de 53 mil m² projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha que será sede do Museu de Arqueologia e Etnologia e do Museu de Zoologia. Isso só será possível justamente por causa de uma obra considerada irregular pelo Ministério Público, que obrigou a incorporadora Brookfield a contribuir financeiramente com o projeto após danificar um sítio arqueológico no Itaim-Bibi, onde constrói um prédio.

O diretor do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da USP, Thiago Aguiar, afirma que não houve discussão sobre o local escolhido pela reitoria para se erguer as novas sedes dos museus. "Esse plano de construção de novos prédios, que vai gastar R\$ 240 milhões dos cofres públicos, não foi nada democrático. Não tivemos a chance de discutir nem sobre o impacto dessa obra na área verde do câmpus nem sobre sua finalidade, que também é questionável", diz. A universidade, por sua vez, afirma que todo o processo está sendo feito de acordo com as orientações da Secretaria do Verde e Meio Ambiente. Segundo a USP, o projeto é importante para a comunidade acadêmica, uma vez que vai aproximar o Museu de Zoologia à Cidade Universitária - hoje, ele funciona no bairro do Ipiranga, na zona sul - e aumentar a área disponível para as exposições. A previsão de inauguração é em 2013.

FONTE: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,usp-vai-cortar-13-mil-arvores-no-campus-do-butanta,776208,0.htm>